

A atualidade da interpretação sociológica de Florestan Fernandes

Heloisa Fernandes

“os livros e as pesquisas são como as mulheres: a gente abandona a área, mas o amor permanece” (FERNANDES, 1978, p.89)

“o negro não só aparece como o elo mais frágil e o pólo mais explorado (...). Quando chegar a vez do negro terá chegado também a vez do Povo.” (FERNANDES, 1976, p. 84)

Falo da atualidade sociológica de Florestan Fernandes, porque presumo ser possível atravessar a obra que ele nos deixou puxando todos aqueles fios que o mantém ligado ao nosso presente fazendo com que ele seja um nosso interlocutor, um nosso amigo, um nosso vizinho, um nosso companheiro. Paradoxalmente, é possível que ele seja ainda mais atual por causa daquelas teses que, na sua época, foram mais difíceis de aceitar, como aquelas nas quais denunciava que estaríamos assistindo ao avanço de tendências regressivas e conservadoras de uma nova fase histórica do capitalismo, exatamente quando muitos de nós pensávamos estar chegando ao paraíso! Ainda recentemente, Carlos Nelson Coutinho reconheceu que *“somos forçados a constatar que muito daquilo que, para alguns de nós, parecia, na época, manifestação do ‘sectarismo’ do velho Florestan era, ao contrário, a confirmação da sua lucidez analítica e da sua capacidade de previsão”*.(COUTINHO, 2000, p.263)

Decidi começar selecionando um fio que nos dissesse quem ele pensava ser e o que ele queria fazer. Encontrei uma entrevista que de 1977, tão longa que se transformou no livro **A Condição de Sociólogo**, na qual é bastante enfático sobre si mesmo : *“se fui alguma coisa em minha vida, fui um universitário (...). A tal ponto que, quando deixei de ser universitário –*

com a aposentadoria compulsória, pela ditadura militar - , *fiquei desarvorado. Eu não sei para onde vou.*” (FERNANDES, 1978, p.70). Acrescentou que se sentia muito insatisfeito por não ter conseguido *“superpor os dois papéis que gostaria de preencher. Eu gostaria de ser um cientista social ao mesmo tempo vinculado com a universidade e com o socialismo. Todas as tentativas que fiz para combinar as duas coisas falharam. E falharam porque não existe movimento socialista bastante forte na sociedade brasileira que sirva de substrato e de apoio para os intelectuais que tenham uma posição socialista.”* (FERNANDES, 1978, p.77) Por isso mesmo, diz ele, fiquei *“uma pessoa dividida ao meio, entre o sociólogo e o socialista.”* (FERNANDES, 1978, p.79) São afirmações fortes, provocativas, e são estratégicas para uma discussão sobre a atualidade da obra de Florestan.

Ademais, pretendo mostrar que não concordo que ele tivesse sido uma pessoa dividida ao meio porque sua obra revela que o sociólogo e o socialista eram duas faces inseparáveis: um não fazia sentido sem o outro.

De fato, Florestan estava certo: acima de tudo ele foi um sociólogo; reconhecido, aliás, no ano de 2006, pelo Congresso Nacional como o patrono da Sociologia no Brasil. Um título honroso e muito justo para quem deixou mais de cinquenta livros, a maioria com edições esgotadas e quase todos sendo reeditados.

Florestan foi um sociólogo comprometido com uma perspectiva de observação, reconstrução e interpretação da sociedade brasileira que privilegiava a sua estrutura social e o seu padrão dominante de relações sociais ou, em outros termos, sua composição de classes e seu padrão histórico de luta das classes que é do que se trata quando Florestan se refere à sociedade brasileira como uma *“sociedade de classes do capitalismo*

periférico, dependente e subdesenvolvido” (FERNANDES, 1980, p.16), ou quando afirma que a **“história nunca se fecha por si mesma e nunca se fecha para sempre. São os homens, em grupos e confrontando-se como classes em conflito, que ‘fecham’ ou ‘abrem’ os circuitos da história.”** (FERNANDES, 1976, p.5)

O próprio Florestan reconheceu que sua pesquisa mais importante como sociólogo e como socialista, porque ela marcou decisivamente sua interpretação da sociedade brasileira, foi sua pesquisa sobre relações raciais no Brasil, realizada no começo da década de cinquenta, quando tinha pouco mais de trinta anos de idade e começava sua carreira como docente da Universidade de São Paulo.(SEREZA, 2005, p.99 e PEREIRA, 1996)

O projeto de pesquisa era da UNESCO e pretendia comparar o racismo existente na sociedade norte-americana com os padrões de convivência presumivelmente mais cordiais entre negros e brancos no Brasil.¹ O trabalho foi encomendado a Roger Bastide, um dos sociólogos da Missão Francesa, que convida Florestan para fazer a pesquisa com ele. É importante ressaltar que Roger Bastide esteve na banca do exame vestibular de Florestan, quando aceitou que meu pai, diversamente dos demais candidatos, respondesse à prova oral em português, e não em francês, como era usual, e, mais tarde, foi seu professor e um dos responsáveis pela sua contratação como docente da Universidade de São Paulo.(SEREZA, 2005, p.58-59) Florestan não aceita o convite porque queria dedicar seu tempo disponível para terminar a pesquisa que estava fazendo sobre sírios e libaneses em São Paulo. Bastide insiste, mas Florestan continua inflexível; Bastide já estava saindo da sala, quando retorna e pergunta, através da porta: **“O senhor não aceita só escrever, eu**

¹ O projeto de pesquisa foi publicado em 1951 e o trabalho com a interpretação da pesquisa foi publicado em 1953 (FERNANDES, 1976, p.64 e p.65, notas 1 e 2)

colho os dados para o senhor? (...) eu fiquei tão comovido que saíram lágrimas dos meus olhos. Aí me levantei e respondi: ‘Está bem, o senhor venceu!’” (FERNANDES, 1978, p.101) ²

O fato é que Florestan levou para a pesquisa sobre relações raciais no Brasil, aquelas experiências de vida do seu próprio passado que facilitaram a sua identificação com a situação vivida pelo negro. É ele que nos diz que *“como criança de origem lumpen, vivi em porões e em cortiços de vários bairros (principalmente na Bela Vista) e começara a trabalhar com pouco mais de 6 anos. Os negros eram companheiros de privações e misérias; eu podia manejar a ‘ perspectiva do oprimido’ e, por aí, desmascarar a hipocrisia reinante sobre o assunto.”* (FERNANDES, 1989, p.103))

Perspectiva do oprimido, um modo de ser sociólogo que marcou toda sua obra, pois foi sempre esta a sua posição, independentemente do tema, da pesquisa e, mesmo, do leque eclético de teorias e de conceitos aos quais recorreu quando se tratava de avançar na observação, reconstrução e interpretação da sociedade brasileira.

Grosso modo, a pesquisa concluiu que a *“democracia racial”* brasileira era um mito e que, com a abolição da escravidão, a classe dominante abandonou os negros à sua própria sorte, mantendo-os numa situação de terrível exclusão que Florestan descreve recorrendo a imagens de forte impacto, como quando afirma que os negros foram expulsos pelos seus antigos proprietários e emparedados nos porões da sociedade; em outros termos, que os negros foram enclausurados, encerrados entre paredes, fora da sociedade civil.(FERNANDES, 1976, p.85; FERNANDES, 1989, p.47 e p. 87)

² Este episódio revela um traço do caráter de Florestan: ele foi uma pessoa que sempre reconheceu, com gratidão, suas dívidas simbólicas.

Curiosamente, do mesmo modo como, hoje, os defensores das cotas para negros nas universidades públicas são chamados de racistas, também Florestan e Bastide sofreram inúmeras críticas e até foram acusados de estarem *“introduzindo o problema – do racismo - no Brasil”* ! (FERNANDES, 1976, p. 71, nota 13; PEREIRA, 1996, p.18 e CERQUEIRA, 2005, p.51-55)

O que estou querendo dizer é que foi um acaso e a decisão de um sujeito que reconhece suas dívidas e, portanto, sua história, que levaram Florestan a encontrar uma das verdades mais profundas da sociedade brasileira na sua face mais perversa, pois a experiência da escravidão marca até hoje o modo como a nossa sociedade existe e se reproduz.³ Florestan não descobriu apenas as mil faces do racismo como deu de cara com o colonialismo e com a face autocrática da dominação burguesa. Afinal, a escravidão perdurou no Brasil por quase 400 anos e fomos dos últimos países do planeta a aceitar sua abolição!

A escravidão permite transformar seres humanos em coisa, como se fossem animais de carga. Um ser humano tornado escravo inexistente como gente, ele não é gente, vive uma situação de inexistência civil, é um morto-vivo, que Agamben descreveu como *“aquele que pode ser morto com impunidade, já que, aos olhos da lei, sua vida já deixou de ter validade”*.⁴ (ZIZEK, 2007, p.10)

³ A exploração do trabalho escravo, inclusive pelo grande capital agrário, continua escandalosamente presente no nosso país. A bancada ruralista no Congresso conseguiu impedir a aprovação dos projetos comprometidos com a reforma agrária (como é o caso da necessária atualização dos índices de produtividade da terra) e com o combate à escravidão. (*Bancada ruralista cresce 58% e barra combate à escravidão*, **Folha de S.Paulo**, 21/10/2007, p. A4)

⁴ Agamben está denunciando a situação vivida, hoje, pelos presos muçulmanos no presídio norte-americano de Guantánamo. Referindo-se à denúncia de Agamben, Zizek fala da *“volta dos mortos vivos”*, destes que retornam do presídio de Guantánamo; sem querer, revela enorme precisão histórica.

A escravização de seres humanos é o sinete marcando o mais fundo daquilo que fomos e daquilo que continuamos a ser. ***“Os negros são os testemunhos vivos da persistência de um colonialismo destrutivo, disfarçado com habilidade e soterrado por uma opressão inacreditável. O mesmo ocorre com o indígena, com os párias da terra e com os trabalhadores semilivres superexplorados das cidades.”*** (FERNANDES, 1989, p.8) A escravidão, como padrão de relação entre classes, persistiu no modo de exploração da força de trabalho e no modo autocrático e violento como são tratados os trabalhadores.

Como diz Florestan, **“a escravidão desapareceu, porém subsiste um mandonismo estreito, que converte a dominação de classe em equivalente da dominação estamental e de casta”**. (FERNANDES, 1976, p. 77)

A pesquisa sobre relações raciais no Brasil revelou uma sociedade fundada na mais cruel exclusão, discriminação e preconceito. Ainda assim, as classes dominantes se apresentam e se auto-reconhecem numa imagem da sociedade invertida no seu oposto. Em suma, a verdade mais escondida da nossa sociedade não é ainda a exclusão, mas a hipocrisia⁵, graças à qual os processos reais da exploração, intolerância e violência se apresentam invertidas sob a forma da camaradagem, da cordialidade e do jeitinho. A mentalidade colonialista, escravocrata, discriminatória, que preside as relações dos dominantes com os excluídos, se apresenta na imagem oposta e inversa. Aliás, é esta imagem que justifica a tese da nossa pretensa democracia racial.

⁵ Florestan preferia falar de hipocrisia (FERNANDES, 1989, p.103), mas se é ela que funda o processo, de todo modo, a inversão ideológica, do meu ponto de vista, é bem mais abrangente.

Não por acaso, negro, pobre e prostituta são, ainda hoje, as maiores vítimas da intolerância, brutalidade e selvageria. Há poucos meses atrás, jovens ricos da zona sul do Rio de Janeiro, espancaram uma mulher pobre que se encontrava no ponto de ônibus. Descobertos e presos, disseram ter havido um engano, pois pensaram que ela era uma prostituta! Aliás, mendigos, índios, pobres, negros são vítimas de verdadeiras orgias de violência e ódio. No mundo cibernético do orkut, existe uma comunidade chamada “odeio pobre”; ou seja, um mesmo sentimento da mais brutal rejeição (o ódio) pretende ser o traço de construção de uma identidade coletiva! (COELHO, 2007)

Um dos efeitos cruéis da exclusão é a invisibilidade. Os excluídos são invisíveis, desaparecem ou são desaparecidos. Ainda neste primeiro semestre de 2007, um dos líderes do movimento político “**Cansei**” escancarou a lógica de funcionamento desta mentalidade estamental, colonialista, escravista quando afirmou que “*se o Piauí deixar de existir, ninguém vai ficar chateado*”. (BARROS, 2007, p.28)

A sentença só pode ser construída por uma mentalidade excludente: Piauí (como significante que se refere não apenas a um Estado da federação, mas, de fato, aos nordestinos, aos negros, às prostitutas, aos pobres, aos camponeses, aos índios, todos esses estrangeiros no seu próprio país) podem **morrer** que **ninguém** (como significante onde estão os que contam, os mais iguais, os cidadãos de primeira classe, os homens de gravata) vai dar a mínima importância!

Sei que, quando avançamos por este caminho, não conseguimos chegar à ponta da meada, mas eu não quero deixar de mencionar que, há, ainda, mais uma face cruel: a de atribuir à vítima a responsabilidade pelo seu próprio infortúnio. Na pesquisa, Florestan entrevistou uma mulher branca

para a qual: *“os negros são em parte culpados do preconceito. Eles tratam a gente como se ainda fossem escravos. (...) Deus que lhe pague, e outras expressões como essa, vivem na boca deles.*

*Em tudo, eles agem servilmente diante do branco”.*⁶ É claro que fica subentendida uma outra frase: *é assim mesmo que deve ser, mostra que aprenderam a ficar no seu lugar, que sabem se colocar no próprio lugar, não ultrapassando os limites.*⁷ Isto é, que sabem ocupar o seu lugar de obediência, submissão, resignação, deferência, subordinação (pretos, pobres, favelados, camponeses, indígenas, prostitutas). Um lugar de pária, de “estrangeiro” no seu próprio país.

Em resumo, desde a pesquisa sobre o racismo, Florestan defende uma tese que jamais descartou: a sociedade brasileira está cindida em *“duas nações superpostas”*.(FERNANDES, 1982, p.121)

Mais especificamente, somos uma sociedade de classes capitalista, mas com *“padrões de relações de classes típicos de uma sociedade escravista ou semi-escravista”*. (FERNANDES, 1982, p.122) Preservamos *“formas intrinsecamente coloniais ou semicoloniais de relação dos opressores com os oprimidos – ou de subalternização intolerante das classes despossuídas”*.(FERNANDES, 1982, p. 130) Vivemos numa **“ordem social que é de classes para as elites e para as classes dominantes, porém que é**

⁶ Declarações de uma mulher branca que constam do fichário de pesquisa de Florestan Fernandes; ficha de 11 de setembro de 1951, Biblioteca Florestan Fernandes, Universidade Federal de São Carlos. Agradeço esse material ao sociólogo Diogo Valença Costa, que permaneceu um ano pesquisando os fichários de Florestan Fernandes. (COSTA, 2004)

⁷ Em 29 de junho de 2006, aos 39 anos de idade, morreu Juraci Barbosa, trabalhador rural, depois de trabalhar 70 dias direto, sem folgas. Nos dias que antecederam sua morte, cortou um volume de cana bem superior à média diária, que já é escandalosa, de 10 toneladas. No dia 24, cortou quase 25 toneladas ! Seu atestado de óbito afirma que a morte ocorreu *“por causa desconhecida”* (*Folha de S.Paulo*, 18/05/07, p. B 9). Ainda assim, a mentalidade escravocrata, colonialista, excludente ousa argumentar que a culpa é da vítima! Um leitor escreveu, e a *Folha* publicou: *“Estranho essa pesquisa que responsabiliza os usineiros pela redução do tempo de vida de um cortador de cana. Concordo que é um trabalho pesado, mas o cortador não é obrigado a cortar uma quantidade de cana estipulada. Ele trabalha por produção, e cada produtor corta o que consegue no tempo que lhe convier – tem trabalhador que trabalha somente no período da manhã, que é mais fresco”*, Painel do Leitor, *Folha de S.Paulo*, 30/04/07, p. A3.

semi-estamental ou estamental para as classes operárias e o povo em geral". (FERNANDES, 1976, p. 78) (FERNANDES, 1976, p. 78)

Somos uma sociedade que condenou a grande maioria da sua população à miséria⁸ e à exclusão da plena cidadania.⁹ Como bem salientou Fabio Comparato, faz mais de meio século que o Brasil conseguiu inventar e fazer funcionar uma *democracia sem povo*.(COMPARATO, 2007) Reiteradamente, Florestan referiu-se às massas populares, nas quais está inserida a maioria da população negra e mestiça, que foram reduzidas ao silêncio e à inação, uma maioria intimidada, sem peso nem voz na sociedade civil, marginalizadas das estruturas de poder.

Com a pesquisa sobre relações raciais, Florestan passa a denunciar que a classe dominante resiste sociopaticamente, isto é, patologicamente, às mudanças necessárias para que nos tornemos uma sociedade democrática.¹⁰(FERNANDES, 1974) Em suma, somos uma sociedade que continua a ignorar os efeitos jurídico-políticos e sociais da existência do trabalhador livre. Funcionamos como se continuássemos organizados numa sociedade dividida em estamentos, ou em castas, como sob a escravidão, e não como uma sociedade de classes.

Florestan ficou ruminando essa descoberta e, para explicá-la, recorreu inclusive a Freud e à psicanálise. Chegou a pensar que a resistência patológica à mudança poderia ser atribuída às profundas ***“distorções do***

⁸ Em 2007, o programa Bolsa Família, do governo Lula, está atendendo 45 milhões de brasileiros.

⁹ Florestan costumava enfatizar a existência e persistência entre nós de uma *concentração racial da renda* (FERNANDES, 1989, p. 87) e, de fato, a pesquisa do IBGE, divulgada em 2006, revela que mais da metade dos desempregados eram pretos ou pardos (*Negros são metade dos desempregados*, **Folha de S.Paulo**, 18/11/2006, p. B14.). Ademais, no Brasil, a ***“violência não tem só idade. Tem cor, raça, território. As vítimas são os negros, os pobres, os moradores de favelas”***, declarou Cenise Vicente, comentando a pesquisa segundo a qual a grande maioria das vítimas de assassinato são negros (***“70% dos jovens assassinados são negros”***, **Folha de S.Paulo**, 15/10/2006, p. C6).

¹⁰ No **A integração do negro à sociedade de classes** (1978), Florestan já se referia aos ***“efeitos sociopáticos da desorganização social”***, mas com um outro enfoque analítico.

nosso ‘superego nacional’” (FERNANDES, 1976, p.210) Uma tese muito parecida com aquela que Celso Furtado fará sua, um pouco mais tarde, quando diz que o Brasil *“é um país em que a miséria de grande parte da população não encontra outra explicação que a resistência das classes dominantes a toda mudança capaz de pôr em risco seus privilégios.”* (FAGNANI e CARDOSO, 2007)¹¹

Esclarecendo melhor, trata-se de uma resistência patológica às pressões populares e raciais que visam à democratização da ordem social e racial forçando à abertura do horizonte popular da sociedade civil. Mas não somos uma sociedade congelada, muito pelo contrário. Dissociamos os tempos político e econômico de tal modo que o segundo é aprofundado e acelerado. (FERNANDES, 1978, p. 147) Por isso, somos uma sociedade que sofreu profundas transformações econômicas, mas cujas mudanças sociais ficaram sob o controle político conservador. Como ele diz, o branco das elites das classes dominantes **“monopoliza as decisões sobre as mudanças que devem ser implementadas”** e **“seleciona e monopoliza as tensões que devem ser incrementadas”**. (FERNANDES, 1976, p. 78)

Em 1986, Florestan comemora o acaso que o levou a fazer sua pesquisa sobre relações raciais e afirma que *“esse acaso se revelaria em seguida a coisa mais importante que aconteceu na minha vida de sociólogo profissional e de militante socialista”*.¹²(FERNANDES, 1989, p.103)

¹¹ Marcio Pochman, presidente do IPEA, revelou que 0,01% do total de famílias do país detém um patrimônio que representa 46% do Produto Interno Bruto; ademais, 40% deles, ocupam esta situação privilegiada graças às heranças recebidas e cada vez menos a origem das suas fortunas vem de atividades produtivas. (*Muito ricos escondem renda em pesquisa, Folha de S.Paulo*, 21/10/2007, p. C5)

¹² Para uma análise minuciosa da pesquisa de Roger Bastide e Florestan Fernandes, mostrando sua diferença com a interpretação de Gilberto Freire e seu impacto sobre Florestan, como sociólogo e como socialista, veja-se SOARES, E.V., BRAGA, M.L. e COSTA, D.V. , *O dilema social brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política* (2002).

Como sociólogo, as descobertas da pesquisa estão presentes naquela que considero sua obra mais importante, *A Revolução Burguesa no Brasil*, na qual formula pela primeira vez o conceito de *capitalismo selvagem*, uma máquina de exploração, de opressão e de discriminação, sem conserto, nem saída, porque, quanto mais o capitalismo se desenvolver, tanto maior a exploração, a opressão, a discriminação, a exclusão, agravando a selvageria que é sua própria condição. Não só mantivemos as estruturas herdadas da era colonial e da escravidão como estas mesmas estruturas foram sendo revitalizadas pelo capitalismo (competitivo e monopolista) porque se revelaram funcionais à **“intensidade da acumulação de capital”**, à **“continuidade de privilégios, que nunca desaparecem”** e à **“exploração externa, que sempre muda para pior”**. (FERNANDES, 1976, p. 4-5)

Capitalismo selvagem e dominação autocrática são duas faces da mesma moeda. É assim que a burguesia dependente expropria, acumula, fortalece seu egoísmo e seu despotismo de classe.

O preço é a secular manutenção de uma **“sociedade que é moderna na superfície e rústica nas profundezas”**. (FERNANDES, 1987, p.310)

Revolução burguesa no Brasil é isto: circuito fechado, democracia restrita aos mais iguais, corrupção, ditadura dissimulada ou aberta. Quanto à relação das classes dominantes com as lideranças populares, Florestan denuncia o funcionamento de duas táticas políticas principais: a cooptação e a corrupção. Graças à cooptação, lideranças populares, partidárias e sindicais, são incorporadas ao circuito fechado dos dominantes. Cooptação e corrupção produzem a decapitação das lideranças que se colocam sob a direção autocrático-burguesa. Florestan denunciava os riscos de uma esquerda que privilegia a luta eleitoral e institucional que, ademais, como mostrou recentemente Alípio Freire, desloca o eixo da luta para o

terreno onde a vantagem estratégica é da burguesia e onde as classes trabalhadoras são débeis.(FREIRE, 2007)

Na periferia do sistema capitalista, os interesses da dominação imperialista e das classes burguesas nacionais convergem para a aceleração das transformações econômicas e para uma dissociação das temporalidades porque o tempo econômico e o tempo político são descolados. Melhor ainda, o tempo político é retardado para que o tempo econômico possa ser aprofundado e acelerado **“em detrimento da grande maioria e para privilegiar ainda mais uma pequena minoria na qual se incluem os parceiros dos centros imperiais”**. (FERNANDES, 1978, p.148)

Portanto, é o Florestan sociólogo que assume plenamente as conseqüências das suas descobertas sociológicas quando defende a alternativa do projeto socialista.¹³ Numa sociedade como a brasileira, uma sociedade de classes, dependente, subdesenvolvida e periférica, a revolução dentro da ordem, como ele a chama, ou seja, a revolução democrática, tornou-se uma tarefa histórica que só pode ser realizada pelos ***“estratos da população que sempre foram excluídos, como os trabalhadores do campo e da cidade, e todos aqueles que não têm peso e voz na sociedade civil”***. (FERNANDES, 1989, p.31)

Para Florestan, a Segunda Abolição¹⁴, precisará enfrentar e derrotar o “superego nacional” de modo a poder realizar as ***“reformas capitalistas (como a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma educacional, o***

¹³ “Nele, o sociólogo, o antropólogo, o pensador construíram uma base científica sobre a qual se ergueu a plataforma do revolucionário”.(CANDIDO, em FERNANDES, 1986, p. 10)

¹⁴ ***“O negro continua nos ‘porões da sociedade’ e ‘emparedado’. Um século depois de sua ‘emancipação’, ele continua (...) preso aos grilhões invisíveis da tutela do branco e às cadeias visíveis da miséria da exclusão dissimulada e da desigualdade racial. (...) a exorbitância da persistência do passado: por que esse passado não desaparece de uma vez (...)? (...) a Segunda Abolição também não seria necessária somente para o negro (...) é exigida por uma enorme massa de pessoas (...) todos os deserdados da terra.”***
FERNANDES, 1989, p.49-50)

combate à miséria, às desigualdades extremas, à fome, à exclusão, etc)”. (FERNANDES, 1989, p. 31) Desencadeado o processo de construção de uma democracia de participação ampliada, as classes trabalhadoras terão conquistado o terreno político no qual podem se expressar numa linguagem própria e, através do socialismo e do comunismo, passam a lutar pela *“reforma e revolução sociais dentro de uma ótica não-capitalista ou anticapitalista”*. (FERNANDES, 1982, p. 122-3)

Em resumo, o sociólogo e o socialista não estavam dissociados. Mais ainda, Florestan socialista contraiu uma dívida com a sua pesquisa sobre relações raciais no Brasil e suas descobertas sobre a sociedade capitalista construída e mantida por uma mentalidade escravocrata, colonialista, discriminatória.¹⁵

Penso que a obra de Florestan se parece com os bons vinhos, vai se apurando a cada ano que passa, e até aquilo que parecia dogmatismo do “velho Florestan” confirma-se hoje como prova da sua lucidez e capacidade de previsão. Agora, no final de setembro, comentando a entrevista do Mano Brown no programa Roda Viva, da TV Cultura, Bia Abramo enfatizou a posição desconfortável dos entrevistadores e do entrevistado, *“tornando explícita, quase dolorosa, a dificuldade gigantesca do diálogo”* (ABRAMO, 2007). Para ela, *“mais do que um divórcio, há um abismo de comunicação entre a periferia e o centro que torna os diálogos quase impossíveis”*. E concluiu afirmando que as *“ferramentas tradicionais fornecidas pelas ciências sociais, pela cultura e mesmo pelo jornalismo, não são mais suficientes para fazer a ponte sobre esse abismo que nos funda”*. Ainda ontem, o Secretário da Segurança do Rio de Janeiro, reconheceu com a maior naturalidade que **“tiro em Copacabana é uma coisa”** e, na favela do

Alemão, “é outra”.¹⁶ Afirmações que encontram ecos profundos, intensos, assustadores com as previsões de Florestan sobre os nossos destinos sob o domínio do capitalismo selvagem!

Não é por acaso que a atualidade de Florestan Fernandes tenha encontrado seu lugar de destaque na Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Construída pelos trabalhadores e para os trabalhadores, a Escola assumiu o projeto de contribuir para a construção de uma alternativa à barbárie capitalista¹⁷, apropriando-se da obra e do exemplo de tantos intelectuais brasileiros, igualmente solitários, como Caio Prado Jr., Paulo Freire, Celso Furtado, Milton Santos.

A escola é um marco na história da sociedade brasileira. Uma *“gigantesca franja de excluídos”* (LOUREIRO, 2005) , que se auto-organizou para lutar pela terra, pela educação e pela justiça, está mobilizada pelo projeto de formar os seus próprios intelectuais. Decidiram enfrentar o que Florestan chamou de acefalização: *“um conceito meio bárbaro, que os sociólogos empregaram para descrever o fato de que raças dominantes, classes dominantes, elites políticas dominantes deceparam a cabeça daqueles que podem ameaçá-los, acefalizando um grupo oprimido”*. (FERNANDES, 1989, p.87) Militantes como Ademar Bogo, Salete Caldart, Neuri Ramos, Gilmar Mauro, Adelar Pizetta, João Pedro Stédile, e tantos e tantos outros, são militantes que estão fazendo novas questões às teorias existentes, perguntas que trouxeram da sua prática social e que dão vida nova às teorias, alimentando-as com uma imaginação criadora cujo horizonte é o enfrentamento decidido do capitalismo selvagem e da dominação autocrática.

¹⁶ **Folha de S.Paulo**, 24 de novembro de 2007, p. C7.

¹⁷ Sobre o MST como movimento social que luta por uma alternativa à barbárie capitalista, *“Rosa Luxemburg e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST”* (LOUREIRO, 2005). Quanto à Escola Nacional Florestan Fernandes, *“Em busca da universidade pública e popular: a Escola Nacional Florestan Fernandes”* (FERNANDES, 2007)

São militantes e são intelectuais, que não pretendem fazer carreira universitária, nem, muito menos, estabelecer compromissos com o mercado, porque querem derrubar muros, abrir pontes, cavar estradas, destruir o mundo cindido e construir uma nação. E ainda são chamados de “*passadistas*”, de estarem travando uma luta pela terra que já foi ultrapassada pelo trem da história, justo eles dispostos a enfrentar o “*modernismo reacionário*” dos dominantes e o seu apego sociopático a um passado escravocrata que resiste, persiste, se reinventa e nos oprime.¹⁸

Democrático, socialista, libertário, Florestan disse que queria “*colocar o homem como valor supremo*” e desejou que “*a felicidade tivesse lugar no mundo do homem na Terra*” (FERNANDES, 1987, p.317) Esse sonho que morde o futuro continua sendo a sua maior atualidade.

(Heloísa Fernandes, 2007)

Referências

ABRAMO, B. *As distâncias entre periferia e centro*. **Folha de S.Paulo**, 30/09/2007.

¹⁸ Muitos intelectuais sustentam que Florestan não era marxista. Não pretendo rebater uma tese sobre a qual Florestan teve a acuidade de se antecipar. Afinal, ele disse que “**desconfio dos intelectuais (...)** Os intelectuais são universitários, e sua erudição se prende à carreira acadêmica, não à atividade revolucionária. Podem-se arrolar as várias modas que procedem da Europa e em parte dos Estados Unidos como ‘pacotes culturais’ da esquerda: (...). Fica como permanente a ânsia de entrar na ‘nova onda’, de caminhar à frente, de estar sempre na moda. Ora, os operários não têm nada a ver com esse mundo de idéias, escavado nos livros. Marx, foi, desde o princípio, contra essa espécie de ‘marxismo’. (...) No Brasil, como no resto da América Latina, ficamos prisioneiros de sucessivas reflexões sobre o marxismo que vinham prontas e acabadas de fora. Os ‘intérpretes’ fabricavam colonialmente a cabeça dos revolucionários de gabinete ...” (FERNANDES, 1989, p.212). Florestan não quis ser um destes “marxistas”, pretendia contribuir para a construção de uma teoria socialista adequada às condições da sociedade brasileira e sua insistência na sobredeterminação da raça à classe e vice-versa, que não faz parte de uma narrativa marxista “clássica”, foi uma das principais singularidades da sua contribuição.

BARROS, J. de .*Cansei. O que está acontecendo?* **Caros Amigos**. São Paulo, número 126, setembro 2007.

CERQUEIRA, L. **Florestan Fernandes, vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

COELHO, M *Cultura da explicação*, **Folha de S.Paulo**, 04/07/2007.

COMPARATO, F. *Quem tem medo do povo?* **Folha de S.Paulo**, 13/03/2007.

COSTA, D.V.A. **Florestan Fernandes em questão: um estudo sobre as interpretações de sua sociologia**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, mestrado, 2004.

COUTINHO, C.N. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERNANDES, F. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1974.

FERNANDES, F. **A sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, F. **Circuito Fechado**. São Paulo: Hucitec, 1976.

FERNANDES, F. **A condição de sociólogo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FERNANDES, F. **A natureza sociológica da sociologia**. São Paulo: Ática, 1980.

FERNANDES, F. **A ditadura em questão**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

FERNANDES, F. **Que Tipo de República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERNANDES, F. *O renascimento da universidade*. In: D'INCAO, M.A. (org.) **O saber militante**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERNANDES, F. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, H. *Em busca da universidade pública e popular: a Escola Nacional Florestan Fernandes*. São Paulo: Cortez, no prelo, 2007.

FAGNANI, E. e CARDOSO JR., J.C. *Prudência e opinião pública*. **Folha de S.Paulo**, 27/08/2007.

FREIRE, A. *Sem mudar a estratégia, o que muda?* **Prensa de Frente**, 27/08/2007.

LOUREIRO, I. *Rosa Luxemburg e os movimentos sociais contemporâneos: o caso do MST*. Erfurt: Forum Social Alemão: ed. mimeo, 2005.

PEREIRA, J.B.B. *A questão racial brasileira na obra de Florestan Fernandes*. In: **Dossiê Florestan Fernandes**, Revista USP, março/abril/maio, número 29, 1996.

SEREZA, H.C. **Florestan, a inteligência militante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

SOARES, E.V., BRAGA, M.L. e COSTA, D.V. *O dilema racial brasileiro: de Roger Bastide a Florestan Fernandes ou da explicação teórica à proposição política*. **Sociedade e Cultura**. Universidade Federal de Goiás, v.5, n.1, jan./jun., p.35-52

ZIZEK, S. *A volta dos mortos-vivos*, **Folha de S.Paulo**, 08/04/2007.